

## O FEMININO E O SAGRADO: UMA LEITURA DE “HONORIA LOZANO” DA ESCRITORA AMÁLIA LÚ POSSO FIGUEROA

Ákyla Mayara Araújo Camêlo<sup>1</sup>

**Resumo:** A literatura de autoria feminina afro-colombiana, na atualidade, representa um triunfo na luta contra o colonialismo, o patriarcado e o sexismo que visava exterminar as vozes das mulheres negras. Em decorrência dessa luta histórica contra a opressão, essas escritoras têm conseguido conquistar espaço nas estantes literárias da América Latina. Nesse contexto de reivindicação por direitos, se insere a afro-colombiana Amália Lú Posso Figueroa, reconhecida por sua qualidade estética e subversão ao patriarcado através das críticas sociais apresentadas em sua narrativa. Este artigo procura divulgar a sua obra no Brasil, nesse caso, através de uma leitura crítica do conto “Honoraria Lozano” presente no livro *Vean vé, mis nanas negras*. As categorias dessa análise são: o celibato eclesiástico e os prazeres carnavais presentes no enredo. Teoricamente, nos debruçamos nos estudos de Segura (2004), Camêlo e Milreu (2020), Barco (2021), Carneiro (2020), Bonnici (2007), e em Woolf (1942).

**Palavras-chave:** Literatura de autoria feminina afro-colombiana; ginocrítica; *Vean vé, mis nanas negras*; Honoraria Lozano.

**Resumen:** La literatura de autoría femenina afrocolombiana, en la actualidad, representa un triunfo en la lucha en contra el colonialismo, el patriarcado y el sexismo que pretendía exterminar las voces de las mujeres negras. Como resultado de esa lucha histórica contra la opresión, esas escritoras han logrado conquistar un espacio en las editoras de América Latina. En ese contexto de reivindicación por derechos, se inserta la afrocolombiana Amália Lú Posso Figueroa, reconocida por su calidad estética y subversión al patriarcado a través de las críticas sociales presentadas en su narrativa. Este artículo busca divulgar su obra en Brasil, en ese caso, a través de una lectura crítica del cuento “Honoraria Lozano” presente en el libro *Vean vé, mis nanas negras*. Las categorías de análisis son: el celibato eclesiástico y los placeres carnales presentes en la trama. Teóricamente, nos basamos en los estudios de Segura (2004), Camêlo y Milreu (2020), Barco (2021), Carneiro (2020), Bonnici (2007), y Woolf (1942).

**Palabras clave:** Literatura de autoría femenina afrocolombiana; Ginocrítica; *Vean vé, mis nanas negras*; Honoraria Lozano.

---

<sup>1</sup> Mestrado em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande, Brasil (2022) Supervisora do PIBID - Letras Espanhol da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: [akylamayaraaraujocamelo@gmail.com](mailto:akylamayaraaraujocamelo@gmail.com).

## Palavras iniciais

O termo literatura de autoria feminina afro-colombiana se refere à produção escrita por mulheres colombianas descendentes de africanos. Essas obras se configuram como um ato de resistência ao patriarcado, ao colonialismo e ao sexismo que insistiam em silenciar as vozes das mulheres negras. Esse triunfo subverte o velho cânone e apresenta textos literários de valiosa qualidade estética com ênfases no protagonismo feminino, além de esboçar consideráveis críticas sociais, em muitos casos, contra o racismo e o sexismo. Apesar das temáticas serem vastas, pode-se observar características em comum nos mais variados gêneros literários. Muitas dessas autoras escrevem sobre os processos de violação colonial que impuseram a destruição de valores culturais, a exploração física, psicológica e sexual das mulheres negras, as quais foram subjugadas e inseridas em situações de subalternidade.

Nessa vertente se insere a obra da afro-colombiana de Amalia Lú Posso Figueroa. Em seus textos, ela valoriza a herança cultural dos povos ancestrais como modo de garantir perpetuação da memória desses povos. Desenvolve narrativas que rejeitam o lugar periférico reservado para elas na literatura e subvertem o patriarcado ao colocar a mulher negra como protagonista dos seus contos e garantir-lhes atributos positivos de mulheres fortes, alegres e independentes. Também demonstra interesse pela dimensão simbólica do corpo e os delineamentos da sensualidade.

O seu livro mais difundido se intitula *Vean vé, mis nanas negras* (2001), o qual, atualmente, está em sua décima edição. Trata-se de uma coletânea de 25 contos, cada um dos quais apresenta uma protagonista representada na figura de babás negras em contexto de sua vida cotidiana no Chocó. Todas elas, possuem o ritmo (poder) em uma parte do corpo, que lhes aguça os seus sentidos.

Apesar da qualidade estética da obra literária de Amália Lú, ela ainda é pouco conhecida no Brasil e pouco estudada pela crítica. Daí o nosso interesse em divulgar a sua obra nesse país a modo de desconstruir a hegemonia canônica dos círculos literários. Partindo dessas reflexões, tomamos como objetivo geral desse artigo, apresentar uma leitura do conto “Honoría Lozano” presente no livro *Vean vé, mis nanas negras*. Como categorias de análise, destacamos o celibato eclesiástico e os prazeres carnavais presentes no enredo.

Metodologicamente, iniciamos apresentando breves reflexões em torno da literatura de autoria feminina com ênfases na vertente afro-colombiana, em que problematizamos as lutas que essas mulheres tiveram que livrar a procura de espaço para divulgar suas obras. Em seguida, incluímos uma síntese da criação de Amalia Lú Posso Figueroa e posteriormente, realizamos a análise da narrativa intitulada “Honoría Lozano”. Por fim, destacamos as considerações finais.

Teoricamente, nos debruçamos, sobretudo, nos estudos de Juana Camacho Segura (2004), Ákyla Mayara Araújo Camêlo e Isis Milreu (2020) e Jhon Jairo Mena Barco (2021) para embasar a narrativa da mulher afro-colombiana; Sueli Carneiro (2020) no que se refere ao feminismo negro; Thomas Bonnici (2007) para descrever o conceito de ginocrítica e em Virginia Woolf (1942) para problematizar o termo “anjo do lar”.

### **1. Delineamentos da literatura feminina afro-colombiana: tensões e resistência**

As desigualdades sociais são realidades existentes em todos os países do mundo. Decorrem da concentração da renda em poucas mãos como resultado do sistema global de exploração assentado na propriedade privada sobre os médios de produção, incidindo na falta de políticas públicas que visam o desenvolvimento da sociedade. Na Colômbia, esse fenômeno ocorre desde o período colonial e afeta, principalmente, as minorias étnicas (afrodescendentes e indígenas) as quais estão em desvantagem com relação ao resto do país, resultando em uma marginalização histórica.

No artigo “Valentina: outras histórias do Chocó”, Camêlo e Milreu (2020, p.451) apontam que 82% da população da região do Pacífico Colombiano está formada por povos afro-colombianos e que esse território é o mais pobre, isolado e negligenciado do país. As mesmas pesquisadoras (2020, p. 452) indicam que, entretanto, “[...] o Chocó<sup>2</sup> é o primeiro produtor de platina das Américas e na Colômbia ocupa o primeiro lugar na produtividade do ouro.” Esses dados explicam o fato de o local ter sido saqueado por exploradores estrangeiros desde a época da colonização, incidindo na desigualdade social construída ao longo dos anos. Esse saqueio histórico e sistêmico da região é lembrado na seguinte citação:

É preciso recordar que neste período os espanhóis trouxeram africanos para o Chocó com o intuito de escravizá-los nas atividades de extração de minérios, enquanto os indígenas locais eram explorados no trabalho agrícola. No final do século XIX e início do XX, a Compañía Minera Chocó Pacífico, obteve licença do Estado colombiano para explorar os minérios da região. No entanto, os chochoanos não foram beneficiados por esta associação, pois o ouro e a platina foram levados aos Estados Unidos e o seu trabalho era mal remunerado. Além disso, houve muitos danos ao meio ambiente. (Camêlo; Milreu, 2020, p. 452).

Nota-se que a exploração e o racismo fazem parte da história da sociedade chochoana, tendo em vista que estrangeiros pregavam a inferioridade dos negros e dos indígenas. Também é possível perceber que este território é multicultural, afinal, está composto pela população mestiça colonial além dos quatro povos indígenas que já habitavam o local: Embera; Wounaan; Tule e; Kuna.

---

<sup>2</sup> Chocó é um Estado localizado na região do Pacífico colombiano cuja capital é Quibdó.

A herança africana compõe o berço da cultura do Pacífico colombiano e, nessa região, há um esforço para manter viva suas tradições, seu conjunto de hábitos, costumes e valores. Os afro-colombianos são símbolos de resistência e respeito e tem uma relação muito estreita com a natureza e a ancestralidade. Como modo de reconhecimento dessa mestiçagem, surgiu, entre outros feitos, uma comemoração anual nomeada *Fiestas de San Pancho* no Chocó, a qual foi declarada como Patrimônio Cultural e Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Sua origem é colonial e faz referência ao santo patrono da região que, apesar de ser católico, integra rituais da tradição africana e indígena. Esse evento é organizado pelo governo e dura um mês -de 3 de setembro à 5 de outubro-, e inclui músicas e festas folclóricas, danças populares, fantasias, desfiles, gastronomia, representando a tradição oral, os mitos e as lendas desses povos.

Partindo das reflexões acima apontadas, percebe-se que, apesar de sutis valorizações, a história social e econômica dos povos afro-colombianos está marcada por desigualdade e racismo. Sob outro ponto de vista, no que se refere ao contexto literário, não se encontra muitas diferenças. Pensando neste fato, na dissertação *Vean vé, mis nanas negras: potencialidades da leitura de contos afro-colombianos nas aulas de ELE*, Camêlo (2022, p.74) ressalta que, “É pertinente salientar o caráter limitado e preconceituoso da representação dos negros na literatura colonial de nosso continente, dominada por uma caracterização que destaca a falta de inteligência e o excesso de força bruta como traços distintivos do negro.” Como agravante da situação, encontra-se a literatura produzida por mulheres ou a sua representação no contexto literário, nas quais se percebe que o silenciamento e a exclusão é ainda maior.

No caso específico da escritura de autoria feminina, essas vozes estavam condenadas a desaparecer sob o poder patriarcal e a dominação colonial. Essa realidade de violência e preconceitos institucionais ainda se mantém na atualidade e tem silenciado vozes em todas as esferas de poder, mesmo diante de mudanças de paradigmas.

No artigo “Silencios elocuentes, voces emergentes: reseña bibliográfica de los estudios sobre la mujer afrocolombiana”, Juana Camacho Segura agrega que:

La literatura de finales del siglo XIX (representada, entre otros, por Estaquio Palacios, Jorge Isaacs, Tomás Carrasquilla y Bernardo Arias Trujillo) que versó sobre las descripciones de los temas coloniales también estuvo permeada por la asociación mujer negra x erotismo, pero desde una óptica romántica. El arquetipo de la mujer negra como criatura sexual primitiva y exótica trascendió las fronteras nacionales, como se aprecia en la poesía afroantillana y negrista [Friedemann y Espinosa, 1995], y sigue alimentando los imaginarios, las identidades y las relaciones de género contemporáneas. (Segura, 2004, p. 176-177).

O fragmento enfatiza que, na literatura do século XIX, a figura feminina negra era percebida como uma criatura exótica, estereotipada e, ainda agregamos, animalizada e sem identidade própria. Desde a colônia, produziu-se uma consciência erótica em relação a mulher negra, o que reforçou o impacto negativo na relação entre elas e o corpo e a tentação a partir da objetificação e a exploração. Entretanto, não se pode deixar de mencionar que essa escritura patriarcal partia de homens, geralmente, machistas, racistas, escravistas, cronistas, sacerdotes e também de literatos. Daí que a escritura colonial retratava a animalização do corpo e a falta de reconhecimento da identidade da mulher afro-colombiana e dos seus atributos positivos.

A literatura, portanto, era inerente ao poder e a dominação masculina e católica. Nos textos literários, os papéis das mulheres negras destinavam-se a seres secundários, geralmente, na produção de mão de obra, objeto de dominação, atividades domésticas, objetificação sexual a partir do imaginário social.

Por outro lado, a visão emancipadora da afrodescendente só pode ser representada quando ela se tornou sujeito da própria história. Em alguns casos, começou a escrever em primeira pessoa e a mostrar seu cotidiano para desenvolver enredos sem estereótipos. Nesse ângulo, convém refletir sobre o fato de que apenas após o surgimento dos movimentos feministas e da crítica feminista é que essas escritoras puderam divulgar amplamente os seus livros.

Apesar do movimento ter surgido na Inglaterra do século XVIII como estratégia de luta pelos direitos femininos, não incluíram as causas negras. Nos Estados Unidos surgiu no século XIX dedicada a batalha pela abolição da escravidão. Como resultado dessas manifestações, no final do século XX nota-se um crescimento de obras publicadas por mulheres. No artigo "Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero" (2020), a filósofa brasileira Sueli Carneiro apresenta algumas reflexões e teceu críticas aos movimentos feministas. Ela expõe a fragilidade desse grupo que não reconhecia, inicialmente, a marginalização e coisificação dos afrodescendentes, os quais produz efeitos de exclusão ainda maior.

Para essa ativista (2020, p. 3), é necessário "enegrecer o feminismo" como modo de incluir as causas das afrodescendentes, para que elas possam ser reconhecidas e suas reivindicações adicionadas aos debates a partir dos pontos de intersecção, sendo elas: etnia, classe social, gênero, orientação sexual, entre outros. Pontua que o peso da configuração racial deve ser levado em consideração, tendo em vista que é um aspecto determinante na violência sofrida ao longo de séculos. Nota-se que a mulher negra tem experiências de opressão diferenciadas das outras mulheres.

Em contexto acadêmico, a crítica feminista surgiu em meados de 1970 – se baseia nas teorias feministas e parte desses princípios para ler e analisar os textos literários sob a óptica feminina, desvinculando-se e deslegitimando a leitura literária pelo viés patriarcal que insiste em descredibilizar a autoria e a representação da mulher. Em uma versão mais recente, surge o termo ginocrítica, cunhado em 1986 por Elaine Showalter, a qual diferencia-se da crítica feminista por não se basear na revisão crítica de obras masculinas. Sua proposta concentra-se na análise de obras escritas exclusivamente por mulheres. No livro *Teoria e crítica literária feminista*, Thomas Bonnici (2007, p.132) afirma que o conceito,

[...] consiste numa prática de crítica literária centrada na mulher, privilegiando as críticas de mulheres em relação a textos escritos por mulheres. Segundo Showalter [1979;1982], há dois tipos de crítica feminista: [1] “**leitura feminista**” (ou “feminist critique”), desenvolvida pela mulher como leitora no que se refere às obras literárias escritas por homens, e (2) “ginocrítica”, desenvolvida pela mulher como escritora. A ginocrítica analisa “a história dos estilos, os temas, os gêneros literários e as estruturas literárias escritas por mulheres [...]” A ginocrítica envolve dois fatores: (1) a leitura por mulheres de textos escritos por mulheres e (2) a construção de um discurso simpático a esse corpus literário.

Constata-se que a ginocrítica atua como método de leitura de textos de autoria feminina e analisa a fruição estética dessas obras. Nesse feito, leva em consideração que a história percorrida por mulheres foi diferente da dos homens, já que elas, entre outras questões, foram vítimas das opressões patriarcais. Nesse sentido, visa o estudo da experiência feminina e das lutas pela construção da sua identidade. Trata-se de uma leitura do ponto de vista feminino.

No caso inerente a literatura afro-colombiana, identifica-se semelhanças com a dominação masculina no sentido em que inicialmente apenas homens conquistaram o direito de escrever e divulgar suas obras literárias. Aqui se faz importante mencionar que, evidentemente não foi fácil o surgimento desse pontapé inicial. Em contraponto, tardou até que as mulheres conquistassem esse direito. Camêlo e Milreu (2020, p. 449) apontam que,

[...] Candelario Obeso (1849-1884) é considerado o precursor da literatura produzida por negros na Colômbia no século XIX. Sua obra foi revalorizada pelo escritor Jorge Artel (1909-1994) no século XX e ambos os autores são vistos como os criadores desta vertente literária. Outros escritores afro-colombianos reconhecidos são Alfredo Vanin (1950-), Manuel Zapata Olivella (1920-2004) e Arnoldo Palacios (1924-2015). Entre as escritoras deste grupo destacam-se Delia Zapata (1926- 2001), Maria Teresa Ramírez (1944-), Mary Grueso Romero (1947-), Edelma Zapata (1958-) e Amalia Lú Posso Figueroa (1947-).

Como se pode observar, é grande a distância temporal para que as primeiras escritoras afro-colombianas adquirissem o direito de escrever e publicar suas obras. Atualmente, essas autoras vêm conquistando espaço – tardiamente – no país, principalmente, após a publicação do site “Biblioteca de literatura afro-colombiana”, organizada pelo Ministério da Cultura e divulgada no ano de 2010. Esse feito provocou uma ampla divulgação da literatura de autoria de mulheres negras na Colômbia e no exterior, tendo em vista o alcance além das fronteiras que a internet proporciona.

Em vista disso, acredita-se na necessidade de estudar, revalorizar e resgatar obras de autoria feminina afro-colombiana através de reflexões que partem dos princípios da crítica feminista e ginocrítica. No que se refere à temática desses livros, averigua-se novas configurações, desvinculando-se consideravelmente do racismo, do patriarcado, da objetificação e dos serviços domésticos, ampliando o leque literário e adentrando em novos rumos. Escritoras utilizam-se do cotidiano e em alguns casos do realismo fantástico para tecer críticas à sociedade. Adentram em assuntos que antes só eram escritos por homens como é o caso da religiosidade, diversidade sexual, erotismo e da sedução, e não partem da animalização ou da demonização da sexualidade, e sim, da sutileza e liberdade de escrever sobre o que querem.

Constata-se nessa escritura, o desejo de matar o “anjo do lar”, segundo os preceitos da crítica literária Virginia Woolf (1882-1941). De modo geral, Figueroa sente orgulho das suas origens e sobre isso podemos observar no site da Biblioteca Pública Piloto, em que agrega,

Me siento afortunada de contar con el gen negro en mi cuerpo, por lo que mi envejecimiento va a ser muy llevadero. De otro lado, haber encontrado la escritura es una suerte enorme y a la vez un compromiso para seguir desempolvando todas esas historias acumuladas. (Medellín, 2021, n.p)

Em decorrência do amor por sua terra e sua ancestralidade, conforme observado na citação anterior, o governo do Chocó lançou o Decreto 0010 de 11 de maio 2007, como modo de reconhecimento da sua trajetória: “Exaltar la vida y obra de la escritora y poeta chocona, Amalia Lú Posso Figueroa”.

Sobre sua escritura, as pesquisadoras Camêlo e Milreu (2020, p.450) enfatizam que “Figueroa está incluída na vertente da literatura feminina afro-colombiana, sobressaindo-se por sua versatilidade e pela originalidade de sua proposta estética, a qual proporciona novos olhares para a cultura de seu país”. Nesta vertente literária enquadram-se escritores reconhecidos ou que se auto reconhecem como negros, que reivindicam o protagonismo da temática racial, manifestam o

orgulho pela cultura ancestral e exaltam a identidade negra como forma de reclamar seus direitos que foram historicamente usurpados.

Em sua narrativa, Amalia Lú evidencia o protagonismo de mulheres negras inteligentes, fortes, empoderadas, questionadoras e capazes de tomar suas próprias decisões, ou seja, subvertem a passividade e o patriarcado que a sociedade normalizou sobre a mulher. Assim como Virginia Woolf (1942), Figueroa também mata o “anjo do lar” em seus textos.

No livro *Vean vé, mis nanas negras*, exalta o corpo feminino colocando-o na condição de templo, através de personagens que reconhecem e valorizam seus atributos corpóreos. De acordo com Camêlo (2022, p.86), “[...] a autora enaltece a figura da babá negra ao colocá-la na posição de protagonista e atribuir-lhe ritmos femininos, marcados por elementos sensoriais simbólicos de poderes que emanam de partes específicas de seu corpo.” Essas atribuições são variadas e exprimem força física e até mesmo emocional.

Através dos cenários do cotidiano no Chocó, a escritora tece críticas políticas e sociais e em alguns casos, utiliza-se de temas sensíveis como é o caso do celibato no do conto “Honoría Lozano”, e de escrever sobre a exploração do ouro em “Valentina” e sobre o tráfico de drogas na narrativa de “Fidelía Córdoba”.

Na tese intitulada *Estéticas de lo popular: apropiación y subversión de la cultura hegemónica en la literatura afrocolombiana contemporánea* (Hazel Robinson Abrahams, César Rivas Lara y Amalia Lú Posso Figueroa), Jhon Jairo Mena Barco (2021, p. 169) agrega que:

Si hay un tema predominantemente seductor en *Vean vé, mis nanas negras* es el asunto del ritmo hirviente por la “arrechera” y la “calentura” que comienza indiscriminadamente en cualquier parte del cuerpo de esas nanas negras y a veces se les prolonga por toda su humanidad como si se tratase de alguna posesión sobrenatural solamente explicable por la nana.

A passagem nos leva a refletir acerca da presença dos movimentos e do calor nos contos de Amalia Lú, tendo em vista que esses fenômenos movem os enredos. Em alguns casos específicos, alcança um erotismo sutil, mas, não se trata de passagens estereotipadas ou pornográficas e sim, experiências subjetivas, livres e empoderadas dos corpos femininos. A verdade é que os ritmos das protagonistas de Figueroa lhes agregam poderes e valores. Os movimentos de Honoría Lozano, por exemplo, emanam sensações simbólicas através do seu corpo e ela transcende em sua sexualidade mesmo diante das proibições religiosas, e sobre isso, veremos na seção seguinte.



### 3. Uma leitura de "Honoría Lozano"

Em "Honoría Lozano" a protagonista leva o mesmo nome do conto. O enredo apoia-se no ritmo no sentar da babá e enfatiza a importância de a mulher conhecer e valorizar o corpo. Por outro lado, problematiza os atos sexuais antes do casamento, bem como o celibato eclesiástico, em que a igreja católica proíbe que clérigos se casem e tenham comportamentos sexuais.

O cenário ficcional se desenvolve, maioritariamente, na igreja. Entre os personagens destacam-se: Honoría Lozano, cujo nome vem de honra e indica uma pessoa que tem iniciativa e o padre Rafael Gómez, cujo primeiro nome significa paciência e perseverança e sua cura vem de Deus. Percebe-se que esses significados partem de princípios religiosos.

De acordo com o narrador, o sacerdote era o filho mais velho de seis irmãos e se entregou a Deus porque, desde pequeno, achava que era sua vocação. Na vida adulta, percebeu que seguiu o caminho errado por não conseguir resistir as tentações carnis. Assim sendo, parece evidente que, por mais ele tenha gosto pela vida religiosa, estaria infligindo as normas da fé católica se tivesse continuado na vida clerical. Esse despropósito é descrito em algumas passagens. Em uma delas, o padre Rafael reflexiona e relata que nunca havia beijado na boca e que evitava a masturbação porque no colégio lhe ensinaram que esse ato era falta de pudor. Isto pode ser interpretado como uma hipocrisia dos religiosos fanáticos.

O mais próximo que Pedro havia experimentado em contextos sexuais foi na fila da refeição. Segundo o narrador,

[...] en el seminario, en la fila del comedor, cuando un compañero que venía detrás suyo se le acercó en demasía y lo frotó con la verga; él se asustó porque sintió calor y un entumecimiento en la erección que sólo desapareció cuando, en la noche, bajo las cobijas de su cama, en su celda, con la única compañía de un crucifijo, se estrujó el pene hasta que eyaculó en medio de convulsiones cercanas a la epilepsia. (Figueroa, 2001, p. 111).

A citação configura-se como uma crítica com relação ao celibato, tendo em vista que sacerdotes podem pecar pela falta de liberdade diante do próprio corpo. Depois desse ato, o padre se arrependeu e prometeu que não voltaria a cair na tentação e fraqueza novamente. Havia cumprido até o dia em que se deparou com os relatos de Honoría Lozano.

O narrador ainda aclara que na primeira missa que o padre Rafael Gómez proferiu em Quibdó, se mostrou muito rígido com os fiéis e informou que rezar sentado não era o ideal, o mais adequado era rezar de joelhos ou em pé e que pelo sacrifício, as recompensas surgiriam, nem que fosse na outra vida. Esse relato preocupou a protagonista, tendo em vista que a sua satisfação sexual vinha dos

momentos em que ela se sentava e se movimentava sozinha, assim como em um ritual. Em consequência desse discurso, foi confessar-se como modo de sanar suas dúvidas, no entanto, as revelações de Honoria movimentaram a cabeça do padre de um jeito que sua libido não lhe dava paz.

Honoria Lozano é descrita pelo narrador como uma mulher inocente apesar de usufruir das sensações provocadas pelo seu corpo. Aproveitava todo o tempo que podia para sentar-se, mover-se e alcançar o clímax do seu corpo. Vejamos:

Nunca se movió con ostentación; lo hacía mientras hablaba del aguacero o del corte que iba a comprar para hacerse un vestido. Era un meneo imperceptible, un meneo lento, lentísimo, que endiablaba la arrechera y distraía a los sonsos que nunca supieron lo que estaba pasando.” (Figuerola, 2001, p. 108).

Esse desfrute era natural e nem os bancos da igreja escapavam, pois, essa atitude fazia parte da sua natureza. Ela fazia porque se sentia bem e tinha picos de alegria, não, para agradar homens. Entretanto, Lozano não estava completamente realizada com o seu ritmo porque não sabia em que medida poderia estar infringindo as leis bíblicas. Essa preocupação estava motivada pelo vício em usufruir do seu poder antes do casamento, incidindo na imoralidade sexual abominada pelo livro sagrado cristão.

Em decorrência dessa tensão, a protagonista faz várias confissões ao padre, como modo de sanar as dúvidas sobre o assunto e tranquilizar-se. No confessional lançou a seguinte pergunta: “[...] quiero saber si en la otra vida puedo gozar sentándome con el conde abierto y completo sobre lo que sea, y si usted me dice que eso es pecado, yo le digo que por qué toditico lo que da gusto lo es.” (Figuerola, 2001, p. 109). Sem rodeios Lozano intimou o padre a dizer que não era pecado, deixando-o assustado com tanta sinceridade.

De acordo com o narrador, o padre Rafael se surpreendeu com a juventude e beleza da babá. Para piorar, “[...] se asustó, pues en toda la vida sacerdotal nunca le habían dicho que se podía gozar simplemente con sentarse, ¿y qué era eso del condé?” (Figuerola, 2001, p.109). Notamos o brotar da curiosidade no padre. Apesar de não saber do que se tratava, nesta noite teve que fazer votos de arrependimento em decorrência dos movimentos do seu corpo ao lembrar da Honoria. Ele percebeu um sentimento diferente pela babá e se julgou por isso.

A protagonista, por sua vez, se confessou em outras ocasiões e em todas, o padre ficava admirando a beleza de Honoria e ao mesmo tempo, sentia vontade de se relacionar com ela. O narrador enfatiza que, como consequência dessas revelações, Rafael Gómez perdeu os eixos da vida sacerdotal, esqueceu os evangelhos e os votos de castidade. Ele, que estava no pico da juventude e não conseguia mais dominar o seu corpo, o qual já tinha movimentos involuntários.

Rapidamente, emagreceu e ficou cheio de espinhas por abusar dos movimentos privados do seu corpo. Em contraponto, Honoría seguia sua vida normalmente e nem imaginava os sentimentos que ela provocava no sacerdote.

O enredo acrescenta que os paroquianos, preocupados com as atitudes e "epilepsias" do padre, solicitaram ajuda médica ao bispo de Medellín. Durante sua estadia no hospital, Gómez ficou ainda pior em decorrência da distância da babá. Já os médicos, perceberam que ele estava obcecado por Honoría e não acreditavam em epilepsias, por essa razão, sugeriram sua volta a Quibdó, de modo que ele pudesse curar-se do seu mal. Por essa razão, Rafael voltou para a igreja. Em seguida, a protagonista, foi para a última confissão informar que não iria mais, pois para ela, era melhor desfrutar os prazeres do seu corpo do que rezar. Essa atitude deixou o padre sem palavras. Era a explicação que ele queria e precisava. Depois disso, ele abandonou o seminário e os votos de castidade e foi viver com uma jovem da comunidade, e Lozano, finaliza a narrativa desfrutando a vida com Isidoro Bantui.

Percebe-se que os relatos da protagonista desenterraram os desejos do sacerdote e colocaram em prova a sua castidade, resultando na desistência da vida clerical. O padre Rafael Gómez percebeu que não podia dedicar-se à vida religiosa e abdicar dos desejos carnis. Trazendo para o centro de discussão o tema tabu do celibato, em que desde meados de 1190 se impõe aos ministros da igreja católica. No que se refere a Honoría Lozano, averigua-se que ela também fez a sua escolha. Entre confissões religiosas que lhe apontam como pecadora e os prazeres que o seu corpo lhe proporciona, ela optou pelo segundo por não acreditar que algo bom, feito por ela, poderia ser tão pecaminoso.

Nos parece que neste enredo, Amalia Lú tece críticas e propõe reflexões ao questionar o celibato e a castidade exaltada pela igreja católica, que em alguns casos, promovem a hipocrisia de alguns religiosos que propagam determinado ensinamento, mas que na intimidade não seguem.

### **Considerações finais**

Ao longo do trabalho tecemos breves reflexões em torno da literatura de autoria feminina afro-colombiana. Partimos da problemática do silenciamento histórico social e de exclusão as quais essas mulheres estiveram inseridas durante séculos, tendo em vista que o patriarcado visava exterminar essas vozes de modo que essas mulheres permanecem na condição de subalternidade. Passaram-se muitos anos para que elas conquistassem seu espaço no mercado editorial, e nesse sentido, vemos essa literatura como símbolo de resistência e resiliência.

É importante mencionar que somente através das lutas dos movimentos feministas essas mulheres passaram a ter seus direitos civis garantidos, e partir

daí, surgiram a crítica literária feminista e a ginocrítica, em que ambas as vertentes objetivam ler obras literárias a partir da visão feminina. A leitura de “Honorina Lozano”, apresentada neste trabalho partiu dessa mencionada crítica.

Nos parece que no enredo, Amalia Lú tece algumas críticas ao questionar o celibato eclesiástico e a castidade exaltada pela igreja católica, em que a hipocrisia de alguns religiosos é posto à prova, tendo em vista que muitos propagam determinado ensinamento, mas que na intimidade não seguem. No caso da protagonista, problematiza os impedimentos sagrados que lhes impossibilitam de desfrutar os ritmos do seu corpo, mas que após muitos pensamentos, optou por pecar e ser feliz. Quanto à temática, percebe-se que a autora não se intimida em suas reflexões e não teme as críticas que poderia receber dos leitores que ainda se submetem a visão patriarcal e limitante.

### Referências

BARCO, Jhon Jairo Mena. *Estéticas de lo popular: apropiación y subversión de la cultura hegemónica en la literatura afrocolombiana contemporánea* (Hazel Robinson Abrahams, César Rivas Lara y Amalia Lú Posso Figueroa). Buenos Aires: UNLP, 2021.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista*. Maringá: Eduem, 2007.

CAMÊLO, Ákyla Mayara Araújo. *Vean vé, mis nanas negras: potencialidades da leitura de contos afro-colombianos nas aulas de ELE*. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) Programa de Pós Graduação em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande: 2022. Disponível em: <http://posle.ufcg.edu.br/index.php?title=2022>. Acesso em: 16 jun. 2023.

CAMÊLO, Ákyla Mayara Araújo; MILREU, Isis. “Valentina”: outras histórias do Chocó. *REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS*, v. 1, n. 24, p. 440-465, 2020.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Núcleo de estudos afro-brasileiros e indígena*. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2020.

ESCOBAR, Guiomar Cuesta; ZAMORANO, Alfredo Ocampo. *Antología de mujeres poetas afrocolombianas*. Bogotá: Ministério de cultura, 2010.

FIGUEROA, Amalia Lú Posso. *Vean vé, mis nanas negras*. 8. ed. Bogotá: Ediciones Brevidad, 2011.

MEDELLIN. Biblioteca Pública Piloto. Prefeitura de Medellin, 2021. Disponível em: <https://www.bibliotecapiloto.gov.co/amalia-lu-y-el-arrullo-de-sus-nanas/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SEGURA, Juana Camacho. *Silencios elocuentes, voces emergentes: reseña bibliográfica de los estudios sobre la mujer afrocolombiana*. Em: *Panorámica afrocolombiana. Estudios sociales en el Pacífico*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, 2004.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2015.

